

GEOGRAFIAS CAMINHANTES

Tiago Vieira Cavalcante¹

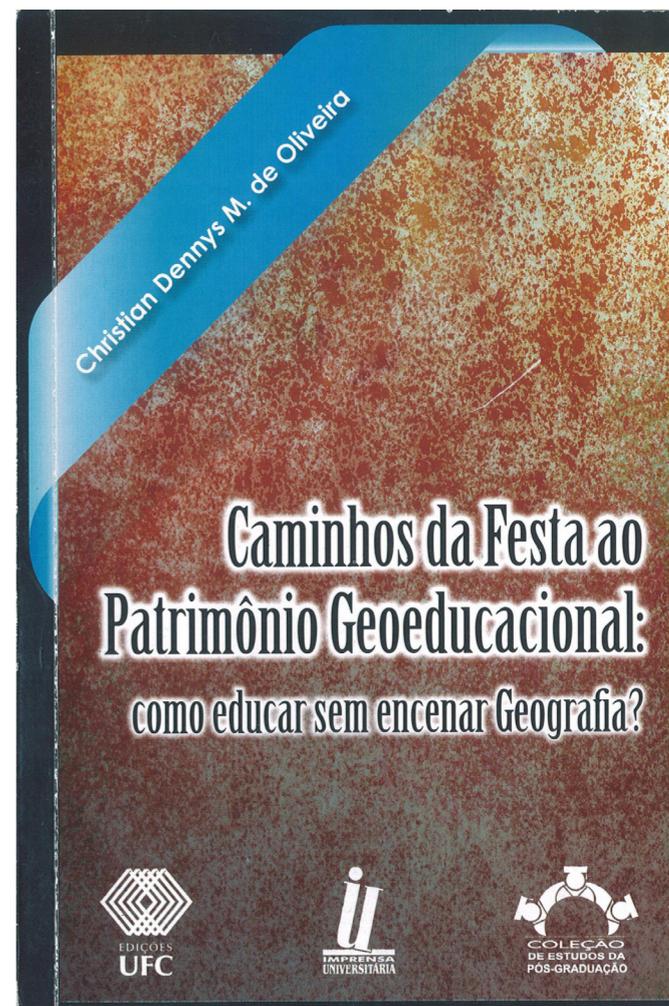
OLIVEIRA, Christian D. M. de. **Caminhos da festa ao patrimônio geoeducacional: como educar sem encenar geografia?** Fortaleza: EDUFC, 2014. 237p.
ISBN: 978-85-7282-540-5.

No livro “Caminhos da festa ao patrimônio geoeducacional: como educar sem encenar geografia”, o professor da Universidade Federal do Ceará – UFC, Christian Dennys Monteiro de Oliveira, nos conduz pelos caminhos por ele percorridos na Espanha durante seu estágio pós-doutoral na Universidade de Sevilha. Caminhos pela província de Huelva, em Andaluzia, ao mesmo tempo, pessoais (de um geógrafo em campo que vivenciou uma festa singular) e coletivos (de romeiros em festa que vivenciaram uma geografia especial), reveladores da *natureza mística* do Parque Nacional de Doñana e da **espiritualidade mundana** da festa da Virgem do Rocío.

Enquanto o Parque Nacional de Doñana é a maior reserva natural da Europa, compreendendo ecossistemas diferentes e uma fauna e flora surpreendente, a festa da Virgem do Rocío também possui sua monumentalidade, uma vez que abrange a maior romaria daquele continente, instante em que religião e folclore se misturam em uma celebração única. Como é pelo parque que a romaria cruza, Oliveira compreende este fato como uma maneira de relacionar educação e geografia para pensar o patrimônio (material e imaterial) contemporâneo.

Mas como pensar o patrimônio nos dias de hoje? Mais do que isso, como fazer com que tais patrimônios sejam verdadeiramente apropriados, conhecidos e vividos pelas pessoas? Para pensar essas questões, Oliveira sugere uma **teoria da encenação geográfica** composta por **três vetores simbólicos** que trabalhados em conjunto elucidam a complexidade relacional existente entre o parque e a festa.

Para tanto, tal teoria implica no entendimento da festa (e seus caminhos por dentro do parque) como uma teatralidade que faz emergir uma educação patrimonial. E são os diferentes



vetores tramados pelo autor – **mediático-ecossistêmico**, **político-turístico** e **mítico-religioso** – que nos demonstram as múltiplas escalas que envolvem os patrimônios em questão, considerando os meios tradicionais e contemporâneos responsáveis pela fundação e manutenção desses lugares-eventos simbólicos. Assim, turismo, celebração, patrimônio, visitação, planejamento, gestão, educação, entre

¹ Doutorando em Geografia, UNESP (Rio Claro) – Bolsista FAPESP tiageogeografia@yahoo.com.br.

✉ Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Avenida 24A, 1515, Jardim Bela Vista, Rio Claro, SP. 13506-900.

outras noções e ações, são os elementos fundamentais pensados pelo autor na constituição de uma metodologia que valoriza a diversidade patrimonial em seu sincretismo, capaz de conciliar a natureza e o rito, o turismo e a tradição, a política e a comunicação... geografias plenas de improváveis geograficidades.

Aliás, são essas geograficidades, relações íntimas entre o homem (que reza, festeja e, por vezes, cuida) e a Terra (o patrimônio maior da humanidade, muitas vezes só notado na escala do lugar) que fundamentam o trabalho de Oliveira. Geografia em ato, mas também em cena, produto de uma vontade destemida de explorar novos mundos antes mesmo de nomeá-los (DARDEL, 2011), ou de uma necessidade de desvelar terras incógnitas, mesmo diante de um planeta já totalmente conhecido (WRIGHT, 2014). Geografias que, inclusive, caminham em direção a outros mundos (celestes, divinos).

Mas essa geograficidade, estabelecida nos caminhos rocieiros pelos meandros da natureza de Doñana, educa? Oliveira indica que uma educação geográfica e, por conseguinte, patrimonial, não se dá sem o amparo da **conservação**, da **inovação** e da **visitação**. Estratégias responsáveis, respectivamente, por uma educação ambiental, tecnológica e ética atenta tanto à população local como às demandas globais.

O que temos, enfim, é um livro que continua sendo escrito, como indica o próprio autor. Livro de um caminhante, onde podemos encontrar a origem criativa de uma abordagem humanista para a compreensão dos patrimônios materiais e imateriais do globo e, por fim, imaginar a própria Terra como o maior desses patrimônios. Geografia que, do ponto de vista da eternidade, prevalece e a história não é mais que espuma (ONFRAY, 2009). 

REFERÊNCIAS

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem**: poética da geografia. (Trad. Paulo Neves.) Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. 112p.

WRIGHT, J. K. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia*. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.